



O JARDIM BOTÂNICO DO FAIAL

JOÃO P. S. BETTENCOURT*

*JARDIM BOTÂNICO DO FAIAL



As coleções

O Jardim Botânico do Faial é um lugar único não só no arquipélago dos Açores, mas no mundo. Fruto do aumento do conhecimento científico e da preocupação com a conservação do meio ambiente, que ganharam força durante a segunda metade do século XX, este é um jardim botânico cuja missão recai sobre a preservação, o estudo e a divulgação da Flora Açoriana, e a sua inauguração em 1986 representou um passo importante no que à conservação e promoção da biodiversidade deste arquipélago e diz respeito.

Aqui, a principal coleção de plantas representa o legado da história natural destas Ilhas que, desde sempre afastadas dos continentes, nasceram cinza e rocha virgem aonde a vida foi chegando vagarosamente. Ao longo do tempo, os ventos, as correntes marítimas e as aves que terão visto no novo território mais um ponto de paragem trouxeram diásporos dos continentes e de ilhas mais antigas, e deram início a um processo que transformaria para sempre a paisagem: as sementes e esporos de plantas mais simples e menos exigentes encontraram condições para germinar, e a ro-





cha vulcânica nua foi sendo gradualmente substituída por solos cada vez mais evoluídos que servem hoje de suporte a espécies arbustivas ou arbóreas com vários metros de altura. As espécies únicas que ainda hoje habitam estes territórios são uma consequência de muitos milhares de anos de confinamento a um território reduzido e isolado onde, porém, abundavam espaço e recursos para crescer. Vistas do mar, as ilhas terão parecido aos colonizadores como que cobertas por um manto verde-escuro, tom das folhagens das densas florestas estabelecidas sob a bruma. Hoje, cerca de 600 anos volvidos desde a chegada do Homem, a deflorestação e a introdução de espécies exóticas são patentes em todas ilhas, onde as florestas naturais se encontram assaz modificadas e as populações endémicas puras restritas a pequenas áreas afastadas da atividade humana.

No Jardim Botânico, estão reunidas muitas das espécies mais raras dos Açores, organizadas de acordo com as suas áreas de distribuição natural e de modo a recriar tão fielmente quanto possível os habitats naturais açorianos. O arboreto abarca árvores e arbustos raros e de grande importância para a conservação, como a ginjeira-brava (*Prunus azorica*), o pau-branco (*Picconia azorica*) ou o cedro-do-mato (*Juniperus brevifolia*), ao passo que nos Habitats de Herbáceas podem ser observadas plantas endémicas como a verónica (*Veronica dabneyi*), a vidália (*Azorina vidalii*) ou o lótus (*Lotus azoricus*). Ao apresentar estas e outras espécies, o Jardim Botânico do Faial tem na sua Coleção de Plantas Endémicas não só um empreendimento de conservação *Ex situ*, mas também uma excelente forma de promover a flora açoriana junto dos visitantes.





Para além da descoberta das espécies endémicas, o Jardim propõe uma viagem pelos últimos seis séculos e pelas plantas que, por algum motivo, foram por nós trazidas para solo açoriano. O visitante é convidado a passear por entre os canteiros de espécies aromáticas e medicinais, a apreciar as plantas que desde há muito ornamentam os jardins açorianos, a conhecer as principais espécies exóticas invasoras no arquipélago e, ainda, a compreender a importância histórica de culturas agrícolas como o trigo (*Triticum aestivum*), o pastel (*Isatis tinctoria*) ou a laranja (*Citrus sinensis*), representativas de diferentes ciclos do modelo agroexportador que imperou nas ilhas açorianas e em tempos o garante da subsistência das gentes que habitavam estas terras. Por fim, há que ficar deslumbrado com o Orquidário dos Açores, estrutura de 900m² que alberga uma das maiores coleções de orquídeas em toda a Europa, bem como uma interessante exposição interpretativa dedicada à história evolutiva e a factos e curiosidades desta extraordinária família de plantas.

Mais que um espaço apazível e de beleza singular, entre as paredes do Jardim Botânico do Faial é possível descobrir, em perfeita sintonia, as histórias natural e cultural das ilhas, transparecendo por toda a coleção a filosofia conservacionista na qual os princípios do Jardim Botânico desde cedo assentam. Aqui, está representado o legado da história evolutiva das ilhas açorianas, pelo que a coleção não teria como não ser única.

O Jardim e a conservação da natureza

A manutenção de coleções está, no entanto, longe de representar todo o





trabalho desenvolvido pelo corpo técnico do Jardim Botânico do Faial que, com a consciência de que os territórios insulares são locais onde a conservação das espécies é uma tarefa essencial, desenvolve ações de conservação, tanto na área de distribuição natural das plantas (*in situ*) como fora desta (*ex situ*). Para tal, conta com o apoio do Viveiro de Plantas Raras e do Banco de Sementes dos Açores, estruturas integrantes do jardim e hoje tidas como essenciais à realização dos trabalhos a que este se propõe. A utilidade dos viveiros prende-se com a produção e fortalecimento de plantas para restauro ecológico ou para reforço das coleções do jardim, ao passo que no banco de sementes o objetivo é a manutenção da viabilidade dos diásporos por um período tão longo quanto possível.

A criação do Banco de Sementes dos Açores, em 2003, consistiu num importante marco na história do Jardim. A partir daquele momento passava a ser possível a conservação *ex situ* das sementes das plantas açorianas. Independentemente do que acontecesse na natureza, as sementes passavam a estar seguras, conservadas numa arca de frio, onde se mantêm viáveis por largas dezenas de anos, e prontas a germinar quando necessário. Foi, na verdade, com sementes provenientes do Banco de Sementes do Açores que foi recuperada uma população aparentemente extinta da raríssima Não-me-esqueças (*Myosotis azorica*) na ilha das Flores.

Hoje, o Banco de Sementes dos Açores preserva 11 milhões de sementes, protegendo a grande maioria das espécies nativas e endémicas





do arquipélago. Entre as plantas que aqui se encontram conservadas, destacam-se algumas das mais raras dos Açores, como a verónica (*Veronica dabneyi*), que durante grande parte do século XX foi considerada extinta, a já mencionada não-me-esqueças (*Myosotis azorica*), provavelmente a mais rara planta vascular dos Açores, ou a ginjeira-brava (*Prunus azorica*), espécie arbórea de parca distribuição, existente apenas em pequenos núcleos nas margens de algumas ribeiras das ilhas.

À colheita, executada por equipas para esse fim destacadas em todas as ilhas, segue-se a limpeza das sementes que logo serão colocadas numa câmara desidratadora para que esta lhes remova a humidade, depois depositadas juntamente com sílica-gel num tubo de ensaio, e, finalmente, guardadas na arca de frio que as mantém à temperatura de quinze graus negativos. Assim, e de uma forma muito simplificada, pode dizer-se que a viabilidade das sementes de algumas das espécies mais raras dos Açores está assegurada por apenas três fatores: ausência de humidade, ausência de luz e temperaturas negativas.





No que concerne à conservação na área de distribuição natural das espécies, conhecida como conservação *in situ*, são numerosas as ações levadas a cabo pelo Jardim Botânico do Faial. Como parte do Parque Natural do Faial, entidade que faz a gestão das áreas protegidas da ilha, o Jardim desenvolve um importante trabalho de restauro ecológico, seja através do delineamento de ações de remoção de espécies exóticas invasoras em áreas sensíveis ou do reforço dos ativos populacionais das espécies endémicas com plantas produzidas nos viveiros e provenientes de sementes do Banco de Sementes dos Açores.

O Jardim está ainda associado a diversos projetos internacionais, como, por exemplo, o FLORAMAC, destinado ao estudo científico da flora da Macaronésia, ou o Projeto LIFE VIDÁLIA, que tem o ambicioso objetivo de recuperar e criar condições para a continuidade das populações conhecidas de lótus (*Lotus azoricus*) e vidália (*Azorina vidalii*) nas ilhas do Faial, Pico e São Jorge.

A todo este trabalho de conservação associa-se ainda uma importante componente de investigação científica e educação ambiental, pelo que o Jardim, para além de guardião da flora açoriana, se assume cada vez mais como um importante veículo de divulgação e consciencialização ambiental, promovendo uma coexistência mais harmoniosa entre o Homem e a natureza.

